

Herança da imigração: luta por coerência em *Der Schwimmer*, de Zsuzsa Bánk *

Dionei Mathias **

Resumo

O romance *Der Schwimmer* (*O nadador*), escrito por Zsuzsa Bánk em língua alemã e publicado em 2002, reconstrói no seu universo diegético a herança da imigração. No lugar de abordar as dificuldades dos imigrantes húngaros no espaço social alemão, Bánk opta por expor a dor daqueles que ficaram para trás, na Hungria, neste caso filhos e marido. O foco deste artigo recai sobre a questão da memória e seu impacto sobre a narração de identidade. Em decorrência da ausência da mãe, a família se vê confrontada com dois conflitos: administrar o conjunto de sentidos de forma autônoma, ou seja, sem uma figura de orientação, e, em segundo lugar, processar o vácuo de sentido deixado pela mãe. A administração e o processamento desses sentidos acontecem em três aspectos a serem analisados aqui: na percepção do tempo, na apropriação do espaço e nas tentativas de organizar a narração de identidade após a ausência materna. A herança da imigração parece ser uma luta por coerência, em que a família recupera o passado e tenta ordená-lo de modo que apresente nexos de coerência para sua representação.

Palavras-chave

Der Schwimmer; Zsuzsa Bánk; identidade; memória.

Abstract

The novel *Der Schwimmer* (*The Swimmer*, 2005), written by Zsuzsa Bánk in German language and published in 2002, recreates in its diegetic universe the inheritance of immigration. Instead of addressing the difficulties of Hungarian immigrants in German society, Bánk chooses to unveil the pain of those left behind in Hungary, in this case, husband and children. The focus of this paper is set on the question of memory and its impact on identity narration. As a result of the mother's absence, the family faces two conflicts: the need to manage a set of meanings independently, without an orientation model, and, secondly, the necessity to deal with the vacuum of meaning left by the mother. Both the management and the handling of these meanings can be discerned in three aspects analysed in the text: in the perception of time, in the appropriation of space and in attempts to organize the identity narration after the departure of the mother. The inheritance of immigration seems to be a battle for coherence, in which the family recovers the past and tries to find a coherent order to represent itself.

Keywords

Der Schwimmer; Zsuzsa Bánk; identity; memory.

* Artigo recebido em 14/05/2015 e aprovado em 09/05/2016.

** Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFSM.

Introdução

A administração do passado representa um constante exercício de reorganização de experiências vividas em segmentos narrativos coerentes, em consonância com a narração identitária atual do sujeito. Revisitar o passado, portanto, parece encerrar um modo de legitimação do estado atual da identidade, buscando em experiências passadas por marcadores de coerência que indiquem entrelaçamentos causais. Nisso, o respectivo sujeito transforma a massa de signos contíguos num feixe teleológico, o que lhe fornece a sensação de desenvolvimento pessoal sem demasiadas rupturas. Com efeito, toda lembrança ou mesmo a memória coletiva sempre passa por um processo de adaptação discursiva, apresentando nisso "referência ao presente" e "caráter construtivo", de acordo com Erll (2011, p. 7). Ainda segundo a autora,

lembranças não são imagens objetivas de percepções passadas, muito menos de uma realidade passada. Trata-se de reconstruções altamente seletivas e dependentes da situação de contextualização (Abrufsituation). Lembrar é uma operação de lembrar (re-member) dados disponíveis que se dá no presente. As versões do passado se transformam a cada contextualização (Abruf), de acordo com os presentes modificados. (ERLL, 2011, p. 7).

Em seus esforços de autocompreensão e autoencenação, o sujeito volta-se ao passado e atualiza informações que confirmem o projeto de identidade atual. Para isso, as informações primordiais passam por um processo de modificação, a fim de não produzirem contradições com os sentidos individuais em vigor naquele momento.

Na literatura de migração, a administração do passado sempre foi uma questão de grande relevância. No momento em que um indivíduo decide deixar um determinado espaço geográfico, seja este uma região ou uma nação, ele rompe com sua narrativa local, para concretizar sua identidade em coordenadas geográficas que muitas vezes apresentam formas completamente diferentes de organizar o espaço da vida. Essa diferença organizacional se dá, por exemplo, em modos de arquitetar o pensamento, o comportamento, as emoções ou a comunicação (HANSEN, 2003). Isto é, ao adentrar um novo espaço cultural, o indivíduo confronta-se com outras maneiras de administrar e atribuir sentidos, forçando-o a passar por um novo processo de socialização, já que a herança cultural de seu espaço primordial perde seu poder de orientação no complexo processo de interação comunicativa e, com isso, de concretização existencial.

Zsuzsa Bánk, autora de expressão alemã e filha de imigrantes húngaros nascida na Alemanha, encena o outro lado da imigração em seu romance *Der Schwimmer (O nadador)*, de 2002. No lugar de narrar encontros e desencontros no novo espaço cultural, descrevendo as

rupturas experimentadas pelo migrante e a maneira como ele organiza suas memórias, a fim de dar conta da complexidade de sentidos com que se vê confrontado, ela volta seu olhar para o ponto de partida, observando aqueles que ficaram para trás e o modo como eles administram a ausência de um conjunto de sentidos em torno de uma pessoa amada.

Para a discussão crítica do texto, busca-se aqui um distanciamento de tentativas de categorizações nacionalistas e suas políticas de essencialismo cultural, preferindo a experiência humana como foco de atenção, em consonância com que sugere Brigid Haines (2015, p. 147, tradução nossa) em sua introdução a uma coletânea de artigos acerca de obras literárias em língua alemã, oriundas do Leste Europeu. Ela escreve "Talvez seja a hora – sem negar a especificidade da experiência – de afastar-se de identificações nacionais e linguísticas e de concepções de culturas distintas inerentes ao termo "interkulturelle Germanistik" (Germanística intercultural), e falar, no lugar disso, da natureza transnacional e porosa da escrita. Certamente o foco devem ser os textos, não os autores".¹

O enredo do texto em questão gira em torno de quatro personagens principais: Katalin, a mãe e esposa que abandona a família às escondidas para emigrar para a Alemanha, seu marido Kálmán, sua filha Kata e seu filho Isti. O romance é narrado a partir da perspectiva da filha Kata, dividido em dezesseis capítulos com nomes de diferentes personagens que participam da narração identitária da família e um capítulo introdutório com o título de "nós". O ponto de partida, portanto, reside numa identidade coletiva, cujo cerne é a família. Esta é concebida como um todo primordial e intacto que repentinamente se vê rompido pela emigração inesperada da mãe. A narrativa expõe os modos como cada um dos membros dessa família procura dar conta dessa ruptura (DAVIS, 2006, p. 56), tentando reaver o conjunto de sentidos existentes antes do desmantelamento identitário produzido pela partida. Nisso, surge um esforço para rememorar o passado de modo a resgatar a coerência, a fim de narrar uma identidade atual passível de exposição no contexto mais amplo da negociação social. Os modos de obtenção desses marcadores de coerência para a construção de identidade são diversos: a organização do tempo em períodos divididos em antes e depois da partida da figura materna, a organização do espaço e sua procura por um novo centro e, sobretudo, os modos de dizer a dor causada pelo trauma da partida.

¹ "Perhaps it is time – without denying the specificity of experience – to retreat from national or linguistic identifications and the concept of distinct cultures inherent in the term 'interkulturelle Germanistik', and to talk instead of the transnational and porous nature of writing. Certainly the focus must be on the texts, not the authors."

Dimensões do tempo

No contexto da narração de identidade e do processo de rememoração, a noção de tempo talvez também possa ser entendida como uma sequência de experiências emotivas marcantes. Além da concatenação cronológica baseada na ideia de desenvolvimento e progresso, portanto num princípio teleológico, a identidade e a memória parecem encerrar sequências de sentidos arraigadas no princípio da dor e do prazer, ambos semantizados e atualizados por meio de emoções concretizadas como experiências físicas que afetam profundamente a tessitura corporal. O tempo então parece tomar forma a partir da rememoração de estados do corpo e, com ele, da alma. Esses estados nem sempre passam por um processo de simbolização ou iconização, impedindo com isso que o sujeito reflita conscientemente ou processe racionalmente o impacto desse complexo de informações. A ausência de simbolização, contudo, não implica também a ausência de sentido. As atmosferas emocionais que surgem no horizonte do sujeito são decorrentes de modificações de estados corporais. Essas informações são armazenadas pelo sujeito por meio de uma lógica semiótica do corpo. Com isso, a experiência do tempo deixa de ser uma narração organizada em volta de anos preenchidos com fatos notáveis para transformar-se numa narração de paisagens emocionais em volta da dor e do prazer, em forma de sedimentos corporais ainda não simbolizados.

Enquanto Nousek (2015, p. 302) discute a configuração temporal do romance em questão, focando no impacto de acontecimentos políticos durante o comunismo húngaro para a formação de subjetividade na família e suas implicações para a era pós-comunista, este artigo busca compreender o tempo e sua relação com experiências de dor. Isso também vale para a questão da identidade. Zsigmond (2007) a discute a partir de elementos culturais húngaros e sua transferência para o espaço cultural de expressão alemã. Aqui identidade também encerra a ideia do embasamento cultural, mas atenta ao impacto de atmosferas emocionais para a narração de identidade. O início do romance já indica a importância dos complexos emotivos:

Eu tinha poucas lembranças da minha mãe. Na verdade, eu só a conhecia por fotos que meu pai mantinha numa caixinha. Eram fotos em preto e branco, com margens brancas grossas. Minha mãe dançando. Minha mãe com tranças. Minha mãe descalça. Minha mãe equilibrando um travesseiro sobre a cabeça. Eu olhava as fotos com frequência. Havia tempos, em que não fazia outra coisa.

Com meu pai era parecido. Ele passava dias inteiros colocando as fotos sobre a toalha de mesa para misturá-las de novo e de novo – como num jogo de cartas, talvez dez vezes, talvez cem. Que eram dias, eu sabia, embora certamente não tivesse uma noção do que seria

tempo naquela época. Para mim só havia tempos que podia suportar e tempos que mal suportava. (BÁNK, 2002, p. 7)².

Com esse início de romance, a voz narrativa, articulada pela filha Kata, introduz o conflito inscrito nas memórias e sua necessidade, implicitamente indicada, de processar a dor condensada nelas. As fotos sobre as quais a narradora se debruça nesse início semanticamente denso representam registros materializados de experiências passadas que documentam informações importantes sobre a narração da família. Trata-se de documentos, portanto, que, arrancados ao tempo e ao esquecimento, contêm sentidos cujo teor a narradora procura compreender, atualizar e enquadrar no horizonte do pai, do irmão e de si mesma. Essas marcas do tempo oscilam entre um caráter de documento desconexo e uma natureza de sentidos em formação, relevantes para a concretização existencial da narradora. Com efeito, Kata precisa concatenar esses sedimentos do tempo, a fim de obter uma ordem passível de ser integrada em sua narração identitária.

As fotos descritas na sequência inicial retratam a mãe, com diferentes detalhes de um corpo em movimento, expondo todo seu impacto físico. Nele se fixa o olhar da filha que explora a superfície imagética, sem poder transpor a barreira que separa a imagem de seu conteúdo. A fixidez desse olhar e a constância com qual se volta para confrontar seu próprio corpo com a imagem da mãe revela um anseio que o retrato, por mais intensos que sejam os sentidos que emanam de sua superfície, não conseguem suprir. Na ausência do corpo materno reside o hiato existencial que atormenta e guia a busca da filha e dessa falta emergem segmentos de incoerência narrativa que a narradora busca solucionar. A incompatibilidade que surge entre feixes narrativos atuais e memórias do passado, contudo, não se restringe à ausência de uma explicação contundente para a emigração da mãe e o abandono concomitante da família. O esclarecimento sobre a motivação de seus atos e a exclusão da família no processo de tomada de decisão certamente amenizaria o impacto da dor, mas isso não resolveria todo o conflito da incompreensão com que Kata se vê confrontada.

O corpo materno parece representar uma fonte de sentidos produzidos a partir do contato e sua presença performática no espaço da família. Sua ausência, portanto, impede a produção de uma rede de informações que a filha procura suprir por meio da absorção visual de informações registradas nas fotos. O registro, contudo, é insuficiente para abastecer também o universo identitário da família com impulsos sonoros, tácteis, espaço-performáticos

² As citações seguem a seguinte edição: BÁNK, Zsuzsa. *Der Schwimmer*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2002. As traduções são do autor deste artigo.

ou narrativos. Dessa descontinuação na produção de sentidos a partir do diálogo entre os corpos que formam a família provém uma tessitura própria da incoerência que a família não consegue simbolizar, mas que se faz presente, impondo sentidos que provocam a dor. A busca pelo registro fotográfico, por consequência, parece representar também um anseio inconsciente por respostas para os segmentos narrativos descontinuados.

Desse diálogo com as memórias do passado surge no horizonte da criança Kata o vislumbre do tempo. Este se concretiza a partir de experiências corporais como marcadores de uma linha temporal. No lugar de uma concepção cronológica ou de uma organização temporal da experiência biográfica com base em metas alcançadas, Kata experimenta a noção do tempo como incidência da dor no princípio da formação de sentido. A marcação do tempo, portanto, se dá em períodos suportáveis e menos suportáveis, o que resulta de sedimentos de atmosferas anímicas acumuladas na tessitura do corpo como receptor e formador de sentidos para a identidade familiar e pessoal.

Com efeito, a memória do passado representa um depósito de emoções que tiveram algum impacto sobre a autoconcepção individual. Nesse sentido, o sujeito volta para o passado com o intuito de administrar sua balança emocional, isto é, atualizar emoções já vivenciadas ou processar emoções cujo impacto ainda não conseguiu inserir de forma satisfatória em seu universo pessoal. Nisso, o tempo deixa de ser uma instância abstrata para transformar-se em experiência sensível a partir do diálogo entre marcas emocionais. Para Kata, esse diálogo representa um exercício complexo de administração da dor:

O que significavam sete horas e quinze minutos ou dezessete horas e cinquenta e três minutos a gente, na verdade, não sabia. Para nós as indicações de tempo nada mais eram que números, números lado a lado. Assim como o preço de um quilo de batatas ou qualquer outra coisa que comprávamos com o dinheiro do meu pai. O engraçado era: nossa vida continuava, apesar da nossa mãe nos ter abandonado. A manhã vinha, anoitecia, e que era assim não me espantava mais. A gente se levantava, se mexia, praguejava, rezava, comia, brigava. Me parecia que a gente estava fazendo algo errado, como se o tempo não devesse passar. Não desse modo. (BÁNK, 2002, p. 25).

Dentro dos limites de sua narração identitária, a protagonista reflete sobre a dimensão do tempo e sua repercussão para sua visão de mundo. A sensação da passagem e de sua incidência no universo subjetivo não é anulada. Algarismos indicadores de horas, no entanto, não são suficientes para comportar e representar as complexas dimensões da temporalidade. Logo sua indicação perde o sentido no mundo das crianças Kata e Isti, transformando-se em informação trivial e prescindível. Porém, ao lado dessa constatação sobre a irrelevância de marcas numéricas, a voz narrativa experimenta a necessidade de captar as impressões

deixadas pela temporalidade, uma vez que se sente surpreendida por seu surgimento inesperado.

Esse surgimento de tempo se dá com a emigração da mãe e a experiência dolorosa atrelada ao abandono. Interessantemente concretiza-se também uma sensação de culpa diante da continuação da existência, a despeito da ausência materna. Essa culpa talvez proceda do fato de que a progressão temporal implique uma sequência na produção de sentidos para a narração identitária. Na visão de mundo da protagonista, a mãe representa a fonte primordial de sentido e a instância que legitima a própria produção de elementos semiológicos. Com sua ausência, falta, além do seu corpo, também o ponto de partida para toda narração. A continuação impõe a dificuldade na construção de coerência, já que o núcleo em volta do qual todos os elementos identitários se concatenam está perdido. Nesse sentido, o tempo não deveria passar, a fim de impedir a produção de sentidos desconexos de um estado emocional primordial. O tempo, contudo, não pode ser estagnado, logo o que resta a Kata, seu irmão e seu pai é a luta por uma coerência perdida e, para eles, dificilmente recuperável.

Formação de núcleos espaciais

Em analogia ao processo paulatino de tomada de consciência da dimensão temporal, as crianças Kata e Isti lentamente também vislumbram a importância do espaço como núcleo centralizador da memória e da construção identitária. As coordenadas geográficas, ou melhor, a limitação espacial parece ser indispensável para a organização da narração, uma vez que o indivíduo não tem capacidade armazenadora suficiente para comportar a totalidade de memórias ou de identidades. Por consequência, há uma seleção daqueles espaços que apresentam alguma relevância para o indivíduo, ou seja, lugares que passaram por um processo de semantização. Nisso, a emergência de sentido está atrelada a emoções produzidas nos limites dessas coordenadas. Lugares como o quarto da infância, a casa e o bairro representam contêineres cujo interior contém atmosferas emocionais que formam a base da autoconcepção do indivíduo.

Com a emigração da mãe, as crianças vivenciam uma profunda transformação na percepção do espaço. Para isso contribui, em primeiro lugar, que a pessoa de máxima referência passa a ocupar um espaço inalcançável para eles, produzindo em seus horizontes um abismo que os separa da fonte primordial de sentidos. Em segundo lugar, a ausência materna os força a uma apropriação espacial sem a orientação emocional na fase de formação. Com isso, seus diálogos com o espaço encerram situações conflituosas, acompanhadas da

experiência de dor, uma vez que a orientação teleológica materna desaparece, forçando-os a uma prática de apropriação à qual ainda não estão afeitos:

Quando as pessoas, depois da missa, começaram a contar que a minha mãe entrou num trem com uma amiga, sem mala, sem bolsa, sem despedida, quando também contavam que agora em novembro eu estaria sentada fora, na chuva e ninguém estaria me impedindo disso – somente então meu pai vendeu casa e coisas. Tivemos que deixar Kovács pra trás. Isti gritava. Com uma tesoura ele cortou um punhado do seu pelo e o colocou no seu bolso. (BÁNK, 2002, p. 13).

A pressão social, concretizada por meio de um controle externo acirrado, move o pai a deixar o lugar da primeira socialização das crianças. Como esse lugar ainda apresenta fortes vínculos com a figura materna, a mudança para um lugar distante que já não permite mais um diálogo com essas coordenadas implica a ruptura com sentidos indelévels em suas identidades. As crianças perdem um espaço semantizado, com elementos que despertam memórias de atmosferas emocionais passadas, e perdem também o ritual do movimento do corpo no espaço configurado pela mãe. O dismantelamento do ritual já tem início ainda antes da mudança, já que Kata se movimenta no espaço sem a coordenação de uma instância externa que a auxilie com sentidos, ou seja, ela permanece sentada na chuva, sem que alguém estructure o espaço em que circula. Nesse contexto, o prazer da travessura perde seu sentido, já que se depara com a indiferença, cujo impacto evidencia-se não somente para suas ações, mas também para a semantização do espaço. Embora a voz narrativa não discuta isso pormenorizadamente, sua menção indica que a informação foi armazenada no universo infantil, gritando no momento da narração por uma concatenação que, no entanto, se revela impassível de integração em sua identidade pessoal. O anseio da criança por uma rotina, tacitamente indicada aqui pela necessidade de uma voz externa que regule a utilização e apropriação do espaço, revela um desejo por acolhimento e segurança (MASLOW, 1970, p. 40). Com a ausência materna e a indiferença paterna, a semantização do espaço depende unicamente das crianças, que ainda não têm habilidade para isso.

Um segundo foco de conflito nessa passagem reside na própria mudança. Embora a indiferença do pai implique o início da desestruturação semântica do espaço, as crianças ainda depreendem dele resquícios de sentido ou restos de coerência. Por mais frágeis que sejam, as lembranças da presença materna ainda pairam nessas coordenadas. Juntam-se a isso as tentativas por parte das crianças de encontrar sucedâneos que possam suprir suas necessidades de afeto e equilibrar sua balança emocional. Isso acontece por meio da afetividade dedicada ao cão Kovács. Com sua presença, ele acaba semantizando os espaços, imprimindo a eles colorações emotivas, já que as crianças assumem responsabilidade por ele, enquanto o cão os

força a explorar novas coordenadas, a partir dos sentidos que ele atualiza. A separação dele em decorrência da mudança implica, portanto, uma segunda descontinuação na produção de sentidos, isto é, novamente as tessituras emocionais criadas com base num empenho mútuo são rompidas, deixando as narrações identitárias das crianças Kata e Isti sem nenhuma orientação quanto à sua economia de emoções. Os gritos do irmão Isti antecipam a dor da desterritorialização a ser experimentada na sequência. Ao cortar um punhado do pelo de Kovács, Isti alimenta a esperança de resgatar e manter a configuração espaço-emocional alcançada após a emigração da mãe. Contudo, como a lembrança da figura materna, também o pelo do cão não é suficiente para preencher o vazio do espaço que surge em decorrência da ruptura do empenho afetivo.

Uma forma de dar conta disso quando chegam a Budapeste reside na ida à estação do leste para ver os trens que vão em direção a seu antigo vilarejo e mandar lembranças ao lugar e ao cão Kovács (BÁNK, 2002, p. 21). Por um lado, há nisso um esforço para construir rotinas no novo espaço, por outro lado, o desejo de não perder um elo de coerência. A fragilidade da configuração espacial fica ainda mais evidente na seguinte passagem: "Meu pai não fez nada para sairmos de Budapeste e nós, Isti eu eu, dizíamos que a gente queria voltar. Para onde?, perguntou meu pai, e quando Isti retrucou: para casa, pela primeira vez souo estranho" (BÁNK, 2002, p. 18). A sensação de estranheza que ainda não é consciente, mas que já é sensível como desconforto diante de um choque de sentidos impassíveis de concatenação se intensifica com as inúmeras mudanças a que as crianças se veem forçadas. O desejo, no entanto, de criar espaços próprios permanece:

Isti começou a dizer essas coisas. Disse que esse lugar não saberia mais nada da gente. Que era assim, disse também eu estava convencida. Assim que novamente entrávamos num trem ou num carro estranho, assim que alguém nos levava por um pequeno trajeto, até o nosso próximo destino, já fôramos esquecidos aqui. Eu sabia que aquilo que deixara em algum lugar no próximo momento seria removido, uma xícara suja, uma faca, muito tempo antes de termos desembarcado de um trem, de um ônibus. Não havia rastros nossos. Não deixávamos nada. [...] Mais tarde eu comecei a esconder pedras, penas, moedas nas casas em que vivíamos por algum tempo e que voltávamos a abandonar. Eu as escondia em armários, sobre os batentes das portas, atrás de janelas e em fornos. Eu não esqueci nem um único dos meus esconderijos. Eu pensava neles meses mais tarde, anos depois. (BÁNK, 2002, p. 39).

Dada a ausência de espaços constantes e realmente integráveis na narração identitária, a voz narrativa procura por formas alternativas de estabelecer sentidos espaciais, aos quais possa recorrer para o processo de autorrepresentação. Sua estratégia reside em deixar pistas de sua passagem por aquele lugar, uma vez que sua experiência lhe mostra que todos os indícios de sua presença numa determinada coordenada imediatamente são elididos, tão logo não se

encontre mais nela. Com a elisão dos sentidos criados por ela, automaticamente também desaparecem parceiros que dialogam com sua identidade ou que atribuam importância aos sentidos que introduz nas tessituras conjuntas. Justamente o desejo de encontrar parceiros dispostos a dialogarem com os sentidos produzidos por ela e a compartilharem um espaço comum a move a deixar vestígios de sua passagem por um lugar. Ao mesmo tempo, esses objetos de memória funcionam como pontos de uma rede de coerência que, de certo modo, entrelaçam os diferentes lugares pelos quais passou. Seu potencial como elo de coerência, no entanto, revela-se bastante restrito, uma vez que não surgem diálogos ou reconhecimentos dos contêineres de sentidos que deixa nesses espaços. Há inúmeras tentativas por parte de Kata e Isti de formarem núcleos espaciais, a partir dos quais possam narrar suas identidades e obter uma sensação de pertencimento, porém, esses núcleos não chegam a alcançar a fixidez necessária para servir de plataforma. O que permanece é um espaço fragilizado, sem sentidos suficientemente sólidos para formarem coordenadas próprias.

Administração da dor

A despeito da incidência temporal em forma de consciência dolorosa da ausência e a apesar da fragilidade do espaço que serve como base para os exercícios de apropriação de realidade, as crianças Kata e Isti necessitam de narrações próprias que possam auxiliá-las a dar conta da dor. Essas narrações, que envolvem memórias do passado, o projeto atual de identidade e projeções para o futuro, revelam-se bastante instáveis, uma vez que diante da falta de um arraigamento espacial e de uma concatenação temporal satisfatória as crianças se veem confrontadas com um conflito ainda maior que reside na questão do pertencimento. Nesse contexto, o pertencimento não envolve a discussão acerca da afiliação nacional ou cultural, tão presente em textos literários que abordam movimentos migratórios. Também nesse sentido, Zsuzsa Bánk aproxima-se desse complexo temático a partir de outra perspectiva, evidenciando que a questão do imigrante não pode ser restringida à detenção ou à carência de um determinado passaporte, que essa pergunta tampouco se limita aos conflitos experimentados pelo migrante no novo espaço social. Com efeito, ela mostra que o imigrante deixa para trás um complexo narrativo que precisa ser reorganizado a partir dessa ausência, exigindo uma confecção de coerência, com novas malhas de pertencimento. Estas não se formam somente por meio de narrativas culturais (nacional, regional ou local), mas sobretudo com base num embasamento emocional que forneça ao sujeito flexibilidade, autoconfiança e

proteção suficientes para enfrentar os desafios da negociação identitária no espaço intra e extrafamiliar.

As crianças Kata e Isti não recebem essa rede emocional que possa amortecer o impacto de experiências dolorosas. Por isso, procuram meios alternativos para obter a proteção que necessitam:

Ficamos por muito tempo ao lago, mais tempo que um verão, mas o que isso já significa em nossa contagem do tempo, em nossa velocidade: muito tempo. Eu não sei, talvez seja só uma impressão, porque o lago era o único lugar onde não íamos à estação para ver os horários de partida de trens. Nós os esquecemos. Esquecemos os trens que podiam nos levar embora e, com eles, toda a malha de trilhos espalhada pelo país. Esquecemos até mesmo que houve um tempo para nós em que lêramos sequências de números em estações de trem na crença de que isso pudesse nos salvar, do que quer que fosse. (BÁNK, 2002, p. 101).

As imagens do lago e, especialmente, do nadador parecem ativar um campo imagético que busca sintetizar essa busca por meio de metáforas. Durante as inúmeras viagens pelo país, para as quais o pai leva as crianças, sem jamais criar laços duradouros e estáveis para o desenvolvimento dos filhos, estes vivenciam um verão ao lago. O início da passagem citada indica, por meio da percepção registrada pela voz narrativa, que o tempo, cujo surgimento anteriormente estava atrelado à experiência da dor, aqui parece suspender sua incisão, para que as crianças criem outros modos de coerência existencial. Com efeito, o lago representa um lugar em que interrompem a busca, divisando nele um objeto ao qual podem dedicar seus recursos afetivos. O sentido, cuja fonte anteriormente reconheciam na presença materna, agora tem seu centro no mundo aquático.

Assim, a organização do seu cotidiano, a execução de seus movimentos e, sobretudo, a imaginação de suas identidades sempre se voltam para o lago. Nele encontram a constância e a fidelidade para construir um espaço de confiança, uma espécie de novo lar (BARTL, 2009, p. 485), o que por sua vez permite a instituição de malhas de pertencimento. Antes encontravam um sucedâneo teleológico na memorização de números, a fim de obter uma finalidade existencial que os poupasse do vazio ocasionado pela ausência materna e pela incapacidade de concatenar coerentemente as informações que fundamentavam seu excerto de realidade. Com a inserção do lago em seus universos pessoais, eles apropriam-se de um espaço independente que não se limita somente a fornecer coordenadas de movimento para a concretização existencial, mas oferece também um complexo de sentidos que preenche seu horizonte pessoal com novas metas.

Desse modo, o significado concreto da natação vai muito além de uma mera atividade física para a ocupação do tempo livre. Ela proporciona um lugar no presente e um projeto de

futuro: "Estou treinando, disse Isti. Para o futuro, para o campeonato, para sua amiga Virág, para a saúde, por uma medalha estudantil, para os jogos olímpicos em quinze anos e por sua família. Quando meu pai perguntou por que família, Isti retrucou: para a minha família. Que outra?" (BÁNK, 2002, p. 84). Confrontado com a necessidade de legitimar sua afeição pela atividade e seu excessivo empenho de energia, Isti revela a importância atribuída à natação como fonte de possíveis narrações de sentido. Na verdade, o exercício transforma-se num núcleo a partir do qual todas suas a es parecem concatenadas, ou seja, identidade vivida como experiência no presente, como imagina o de futuro e administra o do passado   pensada e concretizada a partir de um intenso diálogo com o lago e seu potencial de sentido. Essa atividade acaba transformando-se num fio condutor que acompanha as crianças pelos diversos lugares em que vivem, sem poderem construir laços duradouros.

Por consequência, a ausência ou a presença de um lago como fundador e protetor da coerência ocupa a mente das crianças, que investem suas energias para garantir a proximidade com esse espaço natural, depositário de seu capital afetivo. Com isso, a mãe deixa de ser seu foco de aten o: "Isti parou de fazer perguntas, se e quando nossa mãe voltaria" (B NK, 2002, p. 185) e já não representa mais a narra o que orienta as a es dos filhos. Contudo, dada a inconstância e a vida nômade do pai, Isti precisa administrar emocionalmente as diversas rupturas e a fragilidade atrelada a todo empenho afetivo, já que seu núcleo acaba sendo temporário: "Na noite antes da partida nos despedimos da  gua. Meu pai prometera nadar conosco, uma última vez, e foi uma das poucas promessas que ele fez e cumpriu, talvez porque pudesse ver como isso doía a Isti, como ele parecia se revirar de dor desde que sabíamos que iríamos partir, talvez porque todos pudessem ver, mesmo Zolt n, que perguntou o que estava acontecendo com esse menino?" (B NK, 2002, p. 233). A dor que resulta da partida reproduz o caminho da experiência vivenciada em decorrência da emigra o da figura materna. Novamente o corpo infantil perde seu embasamento afetivo e, com ele, o núcleo norteador da apropria o de realidade. A rede de nexos propiciadores de coerência perde a validade estabelecida, tendo que ser reconstruída no novo espaço em que vão interagir com atores sociais e naturais. Com a descontinua o dos sentidos obtidos por meio da atividade teleologicamente densa da nata o no lago, as crianças perdem a sensa o corporalmente indispensável de pertencimento e prote o. Apesar dessas constantes rupturas, as crianças procuram meios para processar a dor e continuar depreendendo um mínimo de prazer dos recursos disponíveis:

Se existia isto, se isto podia existir, então nós, nosso pai, Isti e eu fizemos algo como um trato tácito para essa vida, que de alguma forma nos pertencia. Nosso pai nos levava consigo, procurava uma casa para nós, em que alguma pessoa cuidava da gente, e Isti e eu já não perguntávamos quando nossa mãe voltaria ou quando nós iríamos visitá-la, mesmo se tivéssemos desejado perguntar, eu certamente mais que Isti. A quem nos abandonou, não vamos correr atrás, dissemos Isti e eu, e nós o dizíamos como algo em que não acreditávamos, mas do qual queríamos nos convencer, e quanto mais o dizíamos, mais podíamos acreditar que era verdade. O que nos pertencia e aquilo que acreditávamos conhecer era pouco, e renunciar a isso era impossível. Nossa vida, tão pouco que há muito fosse, ainda era nossa vida, e nos recusávamos colocar esse pouco em perigo. Tínhamos medo de que poderíamos perder até mesmo isso, se o abandonássemos por um momento. (BÁNK, 2002, p. 240).

O núcleo de coerência já não é um fator exterior, ele reside na posse constantemente questionada da existência. A fragilidade desse pouco fica óbvia quando o pequeno Isti perde sua vida, em decorrência de suas buscas ao lago. Seu desejo intenso de resgatar a coerência, de certo modo, o cega para os perigos iminentes ao espaço natural.

Considerações finais

A realidade ficcional com sua voz narrativa na personagem da filha e irmã Kata encena uma volta ao passado, a fim de construir segmentos narrativos que possam servir como retalhos coerentes de identidade. A diversidade de acontecimentos que marcou o passado passa por processo de seleção de informações e de entrelaçamento causal, com o objetivo de legitimar o estado atual da narração identitária. Essa atribuição e administração de sentidos, contudo, revela-se bastante problemática. No lugar dos marcos de felicidade e de sucesso como formadores da linha do tempo, comuns nos pacotes de identidade, a voz narrativa recupera a experiência da dor como princípio temporal. Assim, a emigração da figura materna, e, mais tarde, o desmantelamento paulatino do sentido no universo fragilizado do irmão, com sua morte inesperada, formam a base narrativa, com a qual Kata reconstrói sua versão do passado.

Nas duas situações, a ausência de um ser amado e dos sentidos produzidos por ele deixa um vácuo narrativo com rupturas, cujas lacunas impedem ou dificultam a formação de nexos de coerência, necessários para representar uma transição aceitável. O conflito em volta do resgate do passado e a formação de coerência passa pela apropriação de um conceito de tempo, pela constatação sobre a fragilidade de espaços próprios e pelo profundo anseio de encontrar sucedâneos para preencher o espaço dos elos perdidos. Ao nadar no lago ou concatenar as memórias em forma de relato, as crianças encontram um novo núcleo em que podem depositar toda sua energia física e seu empenho emocional. Nessas atividades, elas vislumbram uma fonte de sentidos, com a qual dialogam e da qual depreendem novos nexos que concatenam as informações de seus universos pessoais. Enquanto Isti fracassa diante do

peso insuportável da ausência de sentido, a irmã Kata transforma a herança da imigração numa tessitura da dor que lhe permite processar o vazio.

Referências

BÁNK, Zsuzsa. *Der Schwimmer*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2002.

BARTL, Andrea. “Der Wechsel von einem vertrauten Element in das andere, fremde”: Das Schwimm-Motiv in der deutschen Gegenwartsliteratur. *German Life and Letters*, v. 62, n. 4, p. 482-495, 2009.

DAVIS, Robert Murray. Diapora's Children. *World Literature Today*, v. 80, n. 6, 2006, p. 55-58.

HAINES, Brigid. Introduction: The Eastern European Turn in Contemporary German-Language Literature. *German Life and Letters*, v. 68, n. 2, p. 145-153, 2015.

ERLL, Asdrid. *Kollektives Gedächtnis und Erinnerungskulturen*. Stuttgart/Weimar: J.B. Metzler, 2011.

HANSEN, Klaus P. *Kultur und Kulturwissenschaft*. Tübingen/Basel: A. Francke, 2003.

MASLOW, Abraham, H. *Motivation and Personality*. New York/Evanston/London: Harper & Row Publishers, 1970.

NOUSEK, Katrina. A Future-Oriented Zeitrechnung: Narrating Post-Communist Temporality and Subjectivity in Zsuzsa Bánk's *Der Schwimmer* (2002). *German Life and Letters*, v. 68, n. 2, p. 302-323, 2015.

ZSIGMOND, Anikó. Erzählte und erinnerte Identitäten. Der Kulturraum Ungarn im Roman *Der Schwimmer* von Zsuzsa Bánk. In: *Estudios Filológicos Alemanes*, n. 13, p. 539-546, 2007.